

# Conselho dos EUA a Bresser: procurar o FMI.

Plano para renegociar a dívida recebido com reservas pelo Departamento do Tesouro e duramente criticado pelo Federal Reserve

A tática de Bresser para a renegociação da dívida, recebida com sérias dúvidas pelo FMI e com reservas pelo Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, ontem, foi duramente criticada “pelo homem que mais entende do problema da dívida externa”, segundo o próprio ministro Bresser Pereira: o presidente do Federal Reserve, o Banco Central norte-americano, Paul Volcker.

“Trata-se de um problema aritmético. Foi o que ele me disse” — lembrou o ministro Bresser Pereira aos repórteres que o esperavam, depois de despedir-se às gargalhadas do grandalhão Paul Volcker, conhecido também como “Mr. Dolar”, e que estará deixando a presidência do “FED”, o Federal Reserve, no mês que vem, mas que ontem falava em nome da política do governo americano. “Aritmética de um acordo com o Fundo Monetário depois dos bancos: este é o problema que ele vê. Disse que a aritmética aí é complicada”, contou Bresser.

A explicação é simples: “Se você obtém dinheiro dos bancos, antes de obter o do Fundo, que você teoricamente receberá, vai sobrar. Então, você está tomando dos bancos para pagar ao Fundo. A aritmética não bate. Os bancos não querem. O contra-argumento que dei”, continuou o ministro Bresser Pereira, “foi o de que, atualmente, segundo a nossa previsão, a perda de reservas será de US\$ 1 bilhão, neste ano. Se nós obtivermos dinheiro do FMI, seria simplesmente para repor recursos e não para aliviar os bancos”.

O próprio “Mr. Dolar”, consultado, ainda sorrindo, confirmou que a reunião “foi muito boa”, mas que “a questão do FMI é uma das questões importantes que estão em pauta”, e que “há muito interesse em resolvê-la”. Seu conselho é o de que o Brasil “faça rapidamente” um acordo com o Fundo Monetário Internacional.

O presidente do “FED”, Paul Volcker, não foi o primeiro a dizer isto para o ministro Bresser Pereira. Foi o terceiro, ontem, e de forma muito clara. Antes, o secretário do Tesouro norte-americano, James Baker, já tinha duvidado de que os bancos aceitem o Plano Bresser antes que o Brasil vá formalmente ao Fundo Monetário. E o diretor-geral do FMI, Michel Camdessus, que pediu explicações tributárias específicas e queria um corte no déficit público mais drástico, acabou dizendo: “Vocês estão querendo uma grande mudança no Fundo, na base da boa fé”. O responsável pela área do Brasil no FMI quis saber: “E se os bancos não derem dinheiro?”

O ministro Bresser Pereira respondeu: “Eles não têm alternativa”.

## A entrevista

— Sr. ministro: o senhor passou uma hora e meia com o diretor do FMI, Michel Camdessus. Qual foi o resultado desse longo encontro?

Ministro Bresser Pereira, à frente do Departamento do Tesouro, sob um calor de quase 40 graus: “Foi uma reunião para discutir o Plano Macroeconômico. Eles elogiaram o Plano, disseram que parece bem feito, possível de realizar em 87. Acho que foi uma boa reunião. Expliquei também a eles que não pretendia fazer um acordo com o Fundo neste momento. Que eu pretendia fazer antes um acordo com os bancos. Eles entenderam e disseram que não se oporão a isso.

— E o sr. acha mesmo que é possível?  
Ministro Bresser Pereira: “Eu acho que é possível, não vejo nenhuma razão para não fazer. Viemos agora desta reunião com Mr. Baker, secretário do Tesouro. E a reunião também foi muito boa. Ele também elogiou o Plano. Está bem informado do Plano. Quanto ao problema do FMI, disse que também não tinha nada a opor. Que ele achava importante que, depois do acordo com os bancos, também pudesse haver um acordo com o FMI, para facilitar os acordos com o Clube de Paris.

— O sr. tem indicações de que o relatório do FMI será positivo?

Ministro Bresser Pereira: “Tenho certeza de que será positivo”.

— O secretário James Baker não se opõe que o Brasil faça primeiro um acordo com os bancos?

Ministro Bresser Pereira: “Eu confesso que estava receoso de que o governo americano e o próprio FMI se opusessem fortemente a um acordo do Brasil com os bancos...

— Como vinham fazendo...

“Não. Nós nem tentamos fazer acordo com os bancos, e portanto eles não vinham fazendo. Poderiam fazer. Eu tive a informação e a garantia, tanto de gente do FMI quanto, e o que é mais importante, do Tesouro americano, de que isso não aconteceria, e que eles não têm nada a opor. Isso é importante. Vou esperar agora ter a mesma resposta do Mr. Volcker (Paul Volcker, presidente do Federal Reserve). Se isto ocorrer, a coisa vai ficar mais fácil”.

— O governo americano não se oporia?

— Ministro Bresser Pereira: “Acho que o governo americano preferiria que houvesse um acordo. Mas ele não se opõe. Ele compreende que nesse momento não seria adequado fazer um acordo do Brasil com o Fundo, que politicamente não interessa, e, portanto, compreende que a conexão entre os bancos e o FMI não interessa ao Brasil.

— Seria uma condição fazer um acordo com o FMI depois dos bancos?

— Ministro Bresser Pereira: “Não. Veja... mas... Depois de um acordo com os bancos, fazer com o FMI, é uma coisa que eu acho que poderemos fazer. Não é condição. Estamos muito interessados em obter fundos dos japoneses, que têm US\$ 30 bi para emprestar, e poderiam emprestar um bi por ano para o Brasil, pelo menos, e já deixaram muito claro que só com o apoio do FMI. Nós estamos interessados em resolver nossa situação com o Clube de Paris, ou seja, com todas as agências oficiais de crédito. E isso também só será viável com um acordo com o FMI.

Os banqueiros em Nova York estarão mais acessíveis?

Ministro Bresser Pereira: “A informação que me dão o Milliet e Fernão Bracher, que estiveram lá, é a de que este acordo é possível.

